

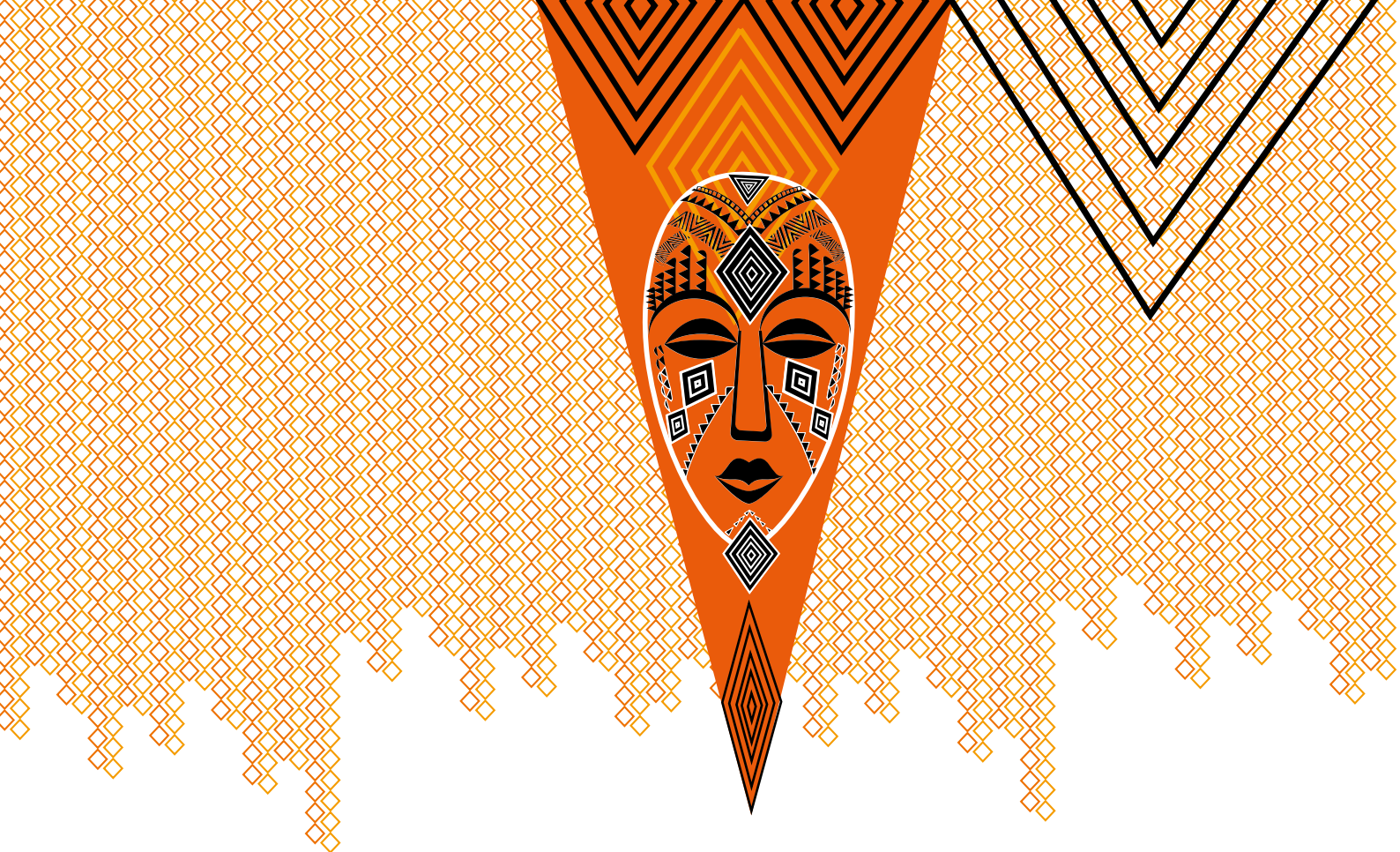


Ilustração: Cassiana Paula Coninato

Valorização da estética negra na escola: projeto Encrespa Antenor, Currículo em ação

Eliane Ornellas Carneira

EMEF Antenor Nascentes – DRE Santo Amaro



Devido uma herança eurocêntrica, a história da África e dos afrodescendentes foi excluída e silenciada. O sistema educacional brasileiro contribuiu e participou do silenciamento das histórias desses grupos. Na atualidade, ainda existe a resistência dentro do espaço escolar para a transmissão e prática dessas culturas. As Orientações Curriculares - Expectativas de Aprendizagem para a Educação Étnico-Racial da SME/SP, de 2008, traz dados referentes aos educandos matriculados na Rede:

Em todas as modalidades, os educandos negros (pretos e pardos) representam mais

de 50% do total dos alunos matriculados. Outro dado importante é de que, ao se fazer o recorte de gênero, as educandas perfazem também 50% do universo do ensino municipal. Portanto, as temáticas cor/etnia e gênero requerem um olhar atento relativo aos projetos pedagógicos e curriculares. (SÃO PAULO, 2008, p. 11).

E a intersecção gênero/raça presente na Rede Municipal de Ensino, nos faz pensar na pirâmide do racismo estrutural da sociedade brasileira, a qual à mulher negra não são garantidos direitos básicos, ou a elas são oferecidas as piores condições e oportunidades. Não garantir uma educação significativa e

de qualidade em nossas Unidades Escolares significa manter essa estrutura racista. Como garantir uma educação que seja significativa para essas meninas?

A história eurocêntrica trouxe não apenas a invisibilidade da história do afrodescendente no Brasil, como também contribuiu para a negação da estética do negro. Apesar de o Brasil ser um país majoritariamente mestiço, o padrão de beleza empregado na nossa sociedade é o de estética europeia e branca, e esses padrões de beleza são reafirmados nos livros didáticos, paradidáticos, nos programas de TV, nos filmes, revistas e nas redes sociais que fazem parte do cotidiano de nossos estudantes. As redes sociais, as quais nossos alunos e alunas utilizam no dia a dia, reforçam, a todo momento, esse padrão de beleza. A valorização do negro no Brasil perpassa pela aceitação e pela identidade da estética negra. O cabelo crespo, visto como o cabelo ruim, se torna a insatisfação de muitas meninas e meninos, pois dentro do ambiente escolar são excluídos e recebem apelidos que inferiorizam sua estética, e esses, desde a infância, são submetidos à utilização de químicas para se aproximar aos padrões de beleza do branco. Devido a essa negação, os alunos negros possuem uma baixa autoestima, o que acarreta um baixo rendimento escolar.

Através das relações raciais no Brasil como em outras partes do mundo marcadas pelas práticas racistas, aos negros foi atribuída uma identidade corporal inferior que eles se introjetaram, e os brancos se auto atribuíram uma identidade corporal superior. Ora, para libertar-se desta inferiorização, é preciso reverter a imagem negativa do corpo negro, através de um processo de desconstrução da imagem anterior e reconstrução de uma nova imagem positiva. Ou seja, construir novo cânone da beleza da estética que dão positividade às características corporais do negro. (MUNANGA apud GOMES, 2019, p. 23).

O **Projeto Encrespa** desenvolvido na EMEF Antenor Nascentes, da Diretoria

Regional de Educação de Santo Amaro, na cidade de São Paulo, tem por objetivo valorizar a estética do negro na escola, por meio de ações que perpassam a aceitação da identidade da estética negra. O cabelo crespo/cacheado e sua diversidade são utilizados como viés para aceitação e valorização da estética e da história do negro no Brasil e também para o conhecimento da cultura afro-brasileira.

O cabelo crespo e o corpo podem ser considerados expressões e suportes simbólicos da identidade negra no Brasil. Juntos, eles possibilitam a construção social, cultural, política e ideológica de uma expressão criada no seio da comunidade negra: a beleza negra. (GOMES, 2019, p. 29).

O projeto desenvolveu ações em torno de quatro eixos temáticos:

- **Autocuidado:** oficinas de penteados, cuidados com o cabelo crespo e cacheado e utilização de turbantes; vivência com bonecos e bonecas negras que foram batizados pelos estudantes de Tayó e Jordan; oficina de dança com o dançarino Thiago Jesus.
- **Representatividade:** rodas de conversa com pessoas negras que são referência para os educandos participantes. A primeira roda foi com uma ex-aluna da escola, Kimberly, que trabalha como modelo plus size, ela abordou temas como empoderamento feminino, transição capilar e racismo na escola. A segunda roda de conversa foi com o fotógrafo Roger Cipó. Ele abordou temas como machismo, mortalidade dos meninos negros da periferia, racismo na escola e também sobre a sua relação com o cabelo crespo. Nesse encontro também realizamos leitura de livros da literatura periférica e negra e oficinas de bonecas Abayomi.
- **Protagonismo:** produção de desenhos com o tema “O que meu cabelo

fala” e Sarau e Slam com o foco em Escrivência¹.

- **Empoderamento:** Desfile da Beleza Negra com roupas das lojas afro da região de Santo Amaro.

Com essas atividades, desenvolvemos um projeto na Unidade Educacional para discutir sobre questões que envolvem o cotidiano das populações afro-brasileiras, mas, sobretudo, visando valorizar seus conhecimentos, estética e cultura.

Considerações

A criança, desde a primeira infância, é educada a negar as suas raízes negras, quando não há a representatividade nos livros, histórias e personagens infantis, assim como nos conteúdos escolares e quando não há professores, coordenadores ou diretores negros. A educação eurocêntrica leva a criança a achar que apenas a estética do branco é o belo. Essas crianças passam a não gostar de seus cabelos, cor de pele e traços físicos e, muitas vezes, sofrem com o racismo, em que esses traços são ridicularizados com piadas e ofensas. É importantíssimo que, para além de trabalhar conteúdos que abarcam a história do negro e dos afrodescendentes, a escola traga questionamentos e ações que façam refletir e ponha em prática o respeito às diversidades e uma educação antirracista, sendo significativa para os educandos. Para isso, é necessário que toda a comunidade escolar esteja preparada para lidar com essas questões no seu cotidiano.

O Projeto Encrespa – Valorização da Estética Negra na Escola utiliza a estética negra para fomentar o questionamento das raízes da discriminação e do racismo presentes na escola e em nossa sociedade. O projeto busca em suas ações romper com uma educação racista que contribui para manter o racismo estrutural. Percebe-se nos estudantes participantes o desenvolvimento de uma consciência que vai para além do racismo, que envolve a discriminação com o cabelo. Em diversos momentos, eles citam casos ocorridos no cotidiano escolar, que envolvem outras formas de discriminação, como machismo, gordofobia, homofobia, entre outros. É importante pontuar que a aceitação e a valorização da estética negra por parte dos discentes participantes trazem a eles melhora na autoestima, no envolvimento com os colegas, na participação em outros projetos da escola e no processo de aprendizagem.

1 Prática literária da escritora Evaristo Conceição.

Referências

ABRAMOWICZ, Anete; GOMES, Nilma Lino. **Educação e raça:** perspectivas políticas, pedagógicas e estéticas. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural.** São Paulo: Jandaíra, 2020.

DAVIS, Ângela. **Mulheres, raça e classe.** São Paulo: Boitempo, 2016.

GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz:** corpo e cabelo como símbolos da identidade negra. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

SANTOS, Joel Rufino. **A questão do negro na sala de aula.** São Paulo: Global, 2016.

SÃO PAULO (Município). Secretaria Municipal de Educação. **Orientações Curriculares:** expectativas de aprendizagem para a educação étnico-racial na Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio. São Paulo: SME/DOT, 2008.

